

Editorial

DRENANDO
AS VERBAS

Mais duas ações criminosas, que guardam semelhança quando se trata de promover a sangria dos cofres públicos e que servem para mostrar que corruptos e corruptores continuam à solta e prontos para entrar em ação, marcam o início da semana.

A primeira diz respeito às fraudes denunciadas na TV no preenchimento das guias para internação hospitalar e que resultaram no pagamento, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de internação de uma pessoa já falecida e de um parto registrado em nome de um homem.

O que a televisão mostrou é apenas a ponta de um enorme iceberg, já que o próprio Ministério da Saúde informou que, entre 2008 e 2013, impediu o pagamento indevido de R\$ 7,1 bilhões em virtude de inconsistências em 4,9 milhões de autorizações preenchidas por hospitais e autorizadas por gestores municipais e estaduais de saúde.

Só depois que as irregularidades tomaram o aspecto de escândalo, no entanto, foi que o governo veio a público e publicou, na edição de ontem do “Diário Oficial da União” (DOU), duas portarias para aprimorar a metodologia de controle do pagamento de internações de pacientes. Ainda não se sabe, porém, se a determinação é pra valer ou se fruto apenas do calor do noticiário.

O outro episódio na linha de desvio de recursos públicos diz respeito à “Operação Esopo”, que cumpriu mandados de prisão e apreensão em dez Estados, incluindo Minas, e no Distrito Federal, com o objetivo de apurar fraudes em licitações, corrupção, sonegação e lavagem de dinheiro.

De acordo com a Polícia Federal, o esquema criminoso, coordenado por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), teria desviado mais de R\$ 400 milhões. Empresas, pessoas físicas e servidores públicos de alto escalão, além de agentes políticos, fraudavam licitações e direcionavam contratações com prefeituras, governos estaduais e ministérios. Haja cadeia para tanta gente.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

CRIMES PASSIONAIS

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Um “nabuh” para os ianomâmi e um ianomâmi para os “nabuh”

David Good diz que tentou esconder ascendência ianomâmi

Há anos sabia do casamento entre antropólogo norte-americano Kenneth Good e a índia ianomâmi Yarima, da Amazônia venezuelana. Casados na aldeia natal dela, Hasupuweteri, desde 1982, ela com 15 e ele com 39 anos, em 1986 foram residir nos EUA, onde se casaram de “papel passado” e, nove dias depois, David Good nasceu! Tiveram dois filhos (David e Daniel) e uma filha (Vanessa).

Kenneth Good chegou à Amazônia em 1975 como aluno do antropólogo norte-americano Napoleon Chagnon, autor de “O Povo Feroz” (1968) – registro de suas pesquisas com ianomâmis da Venezuela na década de 60, obra de referência sobre etnia durante décadas –, embora o ex-aluno Kenneth Good, que morou com os ianomâmis até 1986, alegasse que Chagnon manipulava dados em suas pesquisas.

Foi rebatido pelo mestre com sua vida pessoal: o casamento com Yarima, até hoje polêmico. Dizem, não consegui confirmar, que não há um código de ética que proíba antropólogos de relações de ordem afetiva e/ou sexual com sujeitos de suas pesquisas. Porém, Kenneth Good até hoje é acusado de pedofilia: ficou noivo de Yarima quando ela tinha 12/13 anos, mas diz que só se relacionaram sexualmente quando ela completou 15 anos.

A oferta de uma esposa a Kenneth Good foi feita, em 1978, pelo irmão dela, o cacique da tribo, onde Good era chamado de “shori” (cunhado), numa cultura que, após a menarca, a mulher já pode ter marido, conforme Kenneth Good em seu livro “Into the Heart: An Amazonian Love Story” (“Coração Adentro: Uma História de Amor Amazô-

nica” (1991). Disse o cacique: “Shori, você vem sempre aqui nos visitar e viver conosco... estive pensando que deveria ter uma esposa. Não é bom para você viver sozinho”. A oferta não foi aceita de imediato, mas acabou sendo concretizada.

Os estudos de Chagnon foram questionados com mais vigor desde o documentado pelo jornalista Patrick Tierney, autor de “Darkness in El Dorado” (“Trevas no Eldorado – como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia”). Na referida obra há acusações de que Chagnon tenha forjado, por encenações, mas com

Não há um código de ética que proíba antropólogos de relações de ordem afetiva e/ou sexual com sujeitos de suas pesquisas

mortes reais, conflitos entre aldeias ianomâmis para provar que o povo ianomâmi é bélico, de natureza. Aventam que Chagnon deu aval aos experimentos do geneticista da Universidade de Michigan James Neel: uma vacina antissarampo, que desencadeou uma epidemia que matou centenas de ianomâmis.

Em 1993, Yarima, que parecia adaptada à vida fora da tribo, decidiu ficar com seu povo, quando lá esteve participando de um filme sobre a sua vida. A prole ficou sob os cuidados do pai, embora ela tenha insistido em ficar com a menina.

Em “Americano vai à Amazônia em busca de mãe ianomâmi”, David Good diz o quanto tentou esconder sua ascen-

dência ianomâmi: pedia ao pai que dissesse que ele era hispânico. Adulto, cheio de perguntas, partiu em busca de suas origens. Em 2011, teve um reencontro emocionante com a sua mãe, quando firmou o propósito de “criar vínculos de amizade entre a cultura ianomâmi e o mundo lá fora – mas do ponto de vista de alguém que pertence a essa cultura”.

“Quem sou eu? Sou ianomâmi ou sou ‘nabuh’ (branco)? Os ianomâmi me veem como um ‘nabuh’, e os ‘nabuh’ me veem como ianomâmi? Hoje me orgulho de ser um americano-ianomâmi, tenho orgulho da minha herança cultural. Eu amo minha mãe e anseio estar com ela novamente, aprendendo os costumes ianomâmi. Não sou antropólogo, não sou político, não sou missionário. Sou um irmão e sou um filho” (BBC 7.9.2013).

Frases de alguém em paz com a sua verdadeira identidade.

DUKE

